

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*, trad. César Gordon, Rio de Janeiro, Fiocruz, 2008, 280 pp.

## **Configurações de gênero travesti e configurações de gênero no Brasil**

Camila Firmino  
Mestranda em Antropologia Social pela UFSCar

Trata-se de uma bem sucedida etnografia realizada por Don Kulick, atualmente professor de Antropologia e diretor do Centro para Estudo de Gênero e Sexualidade da New York University. Seu trabalho foi capaz de captar e apresentar aspectos imprescindíveis para a compreensão da subjetividade e do modo de vida desse grupo social, os quais também nos permitem pensar acerca da continuidade entre sexo, gênero e sexualidade (Butler, 1990). O autor busca compreender as formulações que guiam e dão sentido à autopercepção, à estética e aos relacionamentos na vida das travestis<sup>1</sup> de Salvador. Sua sensibilidade etnográfica lhe permitiu lançar um olhar – tal qual o das travestis – positivo sobre a prostituição, para além da exclusão social e econômica, sem deixar, contudo, de relatar as mazelas dessa profissão. Afora a belíssima etnografia e primorosa análise de gênero, *Travesti* é um livro sobre a cultura brasileira.

A discussão sobre gênero e sexualidade vem fomentada pela etnografia realizada durante doze meses entre as travestis prostitutas de Salvador. Kulick morou a maior parte do período de pesquisa em uma rua onde habitavam 35 dessas travestis convivendo intensamente (na mesma casa) com 13 delas. O fato de ter sido aceito pelas travestis permitiu-

lhe participar do cotidiano delas: tomava café da manhã, assistia a filmes e novelas, ficava na calçada durante as tardes onde elas sentavam-se para tirar pêlos do rosto com uma pinça enquanto conversavam, e também as acompanhava nas ruas durante a noite quando saíam em busca de clientes. À sua aceitação no campo, que veio a se transformar em amizade, Kulick atribui dois fatores: primeiro, o fato de ser estrangeiro significava para as travestis que ele não compartilhava os mesmos preconceitos com relação a elas que a maioria dos homens brasileiros; e segundo, o fato de ser assumidamente *gay* as deixava à vontade para falar de seus assuntos favoritos, a saber: homens, hormônios e silicone.

Embora existam travestis em toda América Latina, é no imaginário social brasileiro que ocupam uma posição especial. No Carnaval alcançam grande visibilidade, mas também em novelas e em concursos televisivos. Apesar do sucesso de algumas travestis, a grande maioria delas vive na marginalidade, na prostituição, vitimadas pela violência policial, pelos problemas de saúde em decorrência das aplicações de silicone ou da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) ou por assassinatos.

O autor se posiciona contrariamente às análises que tomam as travestis como exemplos da inversão (DaMatta, 1986; 1991), propriedade atribuída à sociedade brasileira, responsável pela subversão dos padrões morais de herança patriarcal católica. Nessa perspectiva, as travestis inverteriam os papéis masculino e feminino “por meio de práticas que introduzem atributos femininos na aparência física masculina”. Para Kulick, a inversão seria um mito elaborado pelos brasileiros na tentativa de se convencerem de que são liberais e tolerantes quando na realidade não são. O argumento do livro segue no sentido de que, em vez de inverterem as práticas e concepções presentes no país, o que as travestis trazem à tona são as próprias concepções de homem e mulher no Brasil. Elas elaboram e aprimoram concepções de gênero, sexo e sexualidade baseadas nas configurações de homem e mulher existentes.

As travestis de Salvador e do restante do Brasil caracterizam-se por usarem nomes, roupas e demais apetrechos femininos, além de consumirem hormônios e injetarem silicone em seus corpos a fim de adquirirem aparência física feminina (seios, quadris largo, coxas grossas e traseiros grandes). Entretanto, não almejam retirar o pênis, afirmam-se enquanto homens homossexuais e seus esforços com relação à estética resultam do desejo de serem atraentes aos outros homens. Nesse sentido, não se enquadram em nenhuma tipologia sexual euro-americana, não são transvestidos tampouco transexuais.

Para as travestis, tornar-se atraente a outro homem implica adquirir corpo e aparência femininos. Tendo isso em vista, fazem uso de hormônios e aplicações de silicone industrial. A aplicação de silicone é a última etapa do processo de se tornar travesti, principalmente por ser irreversível e dolorida. As motivações que culminam nesse processo remetem à infância das travestis. Elas descrevem sentirem atração sexual por homens desde crianças, fato que resulta na penetração anal das mesmas. Desde então, começam a vestir-se como mulheres e, gradualmente, modificam seus corpos a fim de torná-los femininos. Em meio a esse processo de transformações, esses adolescentes ou são expulsos do lar ou o deixam por conta própria. As travestis mais velhas lhes auxiliam na tarefa de se tornarem femininas, por exemplo, indicando os hormônios a serem ingeridos ou injetados.

A utilização de hormônios diferencia as travestis das transformistas, homossexuais do sexo masculino que, durante o dia, vestem-se e são reconhecidos como homens e, à noite, usam trajes, perucas e maquiagens femininas para freqüentarem boates *gays* ou realizarem performances. Essa diferença é enfatizada pelas travestis que vêem as transformistas como farsantes.

A parte do corpo prioritariamente escolhida pelas travestis para a aplicação do silicone sintetiza os padrões estéticos de feminilidade bra-

sileiros, a saber, coxas grossas e nádegas grandes e arredondadas. “Aqui o símbolo e a essência da sedução feminina são as coxas rijas e torneadas, os quadris largos e a bunda proeminente (em forma de pêra).” (p. 89). As travestis não se sentem mulheres em corpos de homens, elas se definem como homens que melhoram seus corpos. O sexo pertenceria a uma dimensão do que é “natural”, logo elas não podem deixar de ser homens, até mesmo porque não desejam mudar essa condição. Para elas, qualquer indivíduo que queira mudar de sexo – mediante procedimento cirúrgico – apresenta distúrbios psicológicos.

A sexualidade é central na autopercepção das travestis, a atração por homens é recorrentemente atribuída, em seus discursos, como causa de tornar-se travesti. Desse modo, a subjetividade travesti no Brasil e na América Latina se diferencia da subjetividade transgênero em Europa e Estados Unidos. Enquanto no primeiro caso sentir-se como mulher nas narrativas sobre o passado está sempre relacionado com atração sexual por homens, no segundo caso a atração sexual por homens é negada como causa da mudança de sexo. As transexuais definem-se no âmbito de uma essência inata feminina que independe do corpo físico, ao passo que as travestis definem-se no âmbito da primazia da natureza do corpo físico (do sexo masculino), sendo a feminilidade um conjunto de atributos adquiridos e relações estabelecidas.

Nesse sentido, para serem femininas as travestis necessitam, além dos atributos femininos, serem desejadas e amadas por um homem. Para tanto, estabelecem relações estáveis com homens (na maioria das vezes são sustentados por elas). Nessa relação o namorado ou marido deve penetrá-las sem nunca jamais ser penetrado por elas; ele não pode demonstrar interesse pelo pênis delas sob pena de serem deixados. A fonte de satisfação nesses relacionamentos é menos de origem sexual, pois esta as travestis conseguem com outros rapazes ou clientes penetrando e sendo penetradas. Os relacionamentos estáveis conferem às travestis a fe-

minilidade que elas desejam. Os padrões de feminilidade travesti estão ancorados nas próprias concepções de gênero existentes no Brasil.

De acordo com essas formulações de gênero, a maneira como um homem se comporta durante o ato sexual é que define se ele é homossexual, ou seja, se for penetrado analmente, é *gay* (viado ou bicha), mas se penetrar outro homem sem ser penetrado, ele não é homossexual. As travestis não querem manter relacionamentos estáveis com “homens que partilhem com elas os mesmos desejos sexuais”. Isso ocorre porque a matriz conceitual que orienta o gênero e o desejo das travestis e de seus namorados é uma matriz heterossexual, na qual o desejo produz e é produzido pela diferença. O *status* de gênero não é um dado, ele deve ser construído por meio de práticas e desejos adequados. Nesse sentido, esses relacionamentos se colocam como práticas e práticas de desejo que lhes conferem feminilidade. “E, com efeito, uma das piores ofensas que se pode fazer a uma travesti é gritar a frase: seu marido é viado.” (p. 118).

Embora, como coloca o próprio autor, as travestis não façam alusão a um terceiro sexo ou gênero, pois tentam se enquadrar nos padrões binários de masculino e feminino, a configuração de gênero das travestis contaria com três gêneros: homem, mulher e viado; diferenciando-se da configuração de gênero (transexual) da Europa e dos Estados Unidos, onde um indivíduo que não se sente “homem de verdade” necessariamente deve se situar enquanto mulher. A diferença entre essas configurações de gênero encontra-se em suas bases diferenciadas, ou seja, o gênero travesti se define pela sexualidade, ao passo que o gênero transexual define-se pela anatomia diferenciada do sexo.

Este argumento, no entanto, poderia ainda ser desenvolvido de uma outra maneira, uma vez que os dados do autor evidenciam que, para as travestis, a idéia de criação divina da natureza é muito mais latente do que para as transexuais, fazendo-as acreditar que sua natureza masculina não pode ser modificada nem mesmo por intervenção cirúrgica. Desse

modo, para as travestis, a anatomia diferenciada dos sexos é apenas a aparência da natureza do indivíduo criado por Deus. Já as transexuais parecem não levar em consideração o argumento da primazia da natureza (divina): para elas, a “essência” de gênero independe da natureza do corpo físico, a mudança de sexo seria uma adequação do corpo à “essência”.

As duas configurações de gênero não escapam do binarismo de gênero e da continuidade entre sexo, gênero e sexualidade. Nota-se que estes termos estão sempre em relação uns aos outros. No caso da configuração de gênero das travestis, por exemplo, a sexualidade, mais especificamente a penetração, determina o *status* de gênero. Quem penetra é homem, quem é penetrado ou é mulher ou é viado. O diferencial na análise de Kulick encontra-se no fato de que, diferentemente das análises nas quais o terceiro gênero é tomado como configuração subversiva do binarismo de gênero, nela o terceiro gênero se constitui a partir de um referencial binário de gênero: o viado é aquele (homem) que é penetrado.

O livro é uma indicação para quem deseja conhecer o universo travesti e/ou as mais recentes discussões sobre gênero e sexualidade. Todavia, aqueles que já são familiarizados com a temática de gênero também apreciarão o livro por conta da análise primorosa das concepções de gênero no Brasil.

## Nota

- <sup>1</sup> O autor alerta que embora travesti seja um substantivo masculino na língua portuguesa ele o usará no feminino, pois elas se denominam “as travestis” e se tratam sempre no feminino.

## Bibliografia

BUTLER, J.

2003 *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

DAMATTA, R.

1986 *O que faz o Brasi, Brasil?*, Rio de Janeiro, Rocco.

1991 *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*, Rio de Janeiro, Guanabara Koogan.